

Etnografia de Rua na “Voluntários da Pátria”: fotografando ambulantes no Espaço Público

Priscila Farfan Barroso

Resumo

Esta pesquisa visa analisar como a prática etnográfica é negociada em campo através da fotografia. Trata-se do estudo das condições de trabalho e dos estilos de vida dos vendedores ambulantes da Rua Voluntários da Pátria em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que investiga a dinâmica do cotidiano no espaço público. E dessa maneira, a foto é utilizada como dado etnográfico que interpreta as figurações da vida social (ROCHA, 1995).

Palavras-chaves: fotografia, etnografia, comércio informal.

Introdução

Este artigo, que foi apresentado no IX Salão de Iniciação Científica da PUCRS¹ faz parte da bolsa de iniciação científica² desenvolvida no âmbito do BIEV³, e aborda a pesquisa antropológica baseada no método etnográfico junto aos vendedores ambulantes de CDs e DVDs na Rua Voluntários da Pátria em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Trata-se de estudar, através da prática fotográfica, as condições de trabalho relacionadas ao comércio informal no espaço público, e os estilos de vida configurados a partir das práticas e saberes desses vendedores. Investigar a experiência desse espaço vivido tem sido um desafio, devido à dinâmica das construções e reconstruções das formas de “estar lá” (GEERTZ, 2002) desses trabalhadores, que elaboram estratégias de negociação para a sua permanência neste espaço público em meio a outros atores sociais.

¹ Entre os dias 11 a 14 de Agosto de 2008, foi apresentado por mim no IX Salão de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul o paper intitulado “Etnografia de Rua na Voluntários da Pátria: fotografando ambulantes no espaço público” com orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

² Bolsa de iniciação científica, com duração de dois anos, cedida pela FAPERGS através do Projeto “Coleções Etnográficas e Patrimônio em Porto Alegre”.

Discutirei aqui duas saídas de campo em que a produção fotográfica possibilitou aprendizagens sobre o grupo de vendedores ambulantes pesquisado ao revelar as figurações da vida social (ROCHA, 1995), ou seja, maneiras de ocupação do espaço público, redes de solidariedades, tensões com outros atores sociais, estratégias de venda que ficam evidentes através da interpretação da estética da foto⁴. Além disso, poderemos ver também que todo o processo de pesquisa em relação ao contexto do campo desde a captura da imagem, a análise do material como dado etnográfico, até a devolução das fotografias para os ambulantes permitiram “ver melhor”, como enfatiza Carlos Rodrigues Brandão (2004), o que tentava descrever com as palavras nos diários de campo, nas descrições etnográficas, em pequenos textos mais teóricos.

Neste caso, este ensaio se refere às práticas sociais de vendedores de rua que perduram ainda hoje no bairro Centro da cidade, através de arranjos cotidianos do comércio informal no espaço público em contraste com os processos civilizatórios e disciplinares a eles impostos pelos poderes públicos municipais através da ação da Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio (SMIC) e a da Polícia Militar. No decorrer desta pesquisa observei que esse tipo de prática de venda persiste através de estratégias informais há muitos anos neste território, passando por épocas de maiores e menores pressões dos órgãos do Estado. Atualmente uma nova ameaça à esta forma de trabalho tem se consolidado através da criação de um Centro Popular de Compras, destinado a comerciantes populares – camelôs – que serão regularizados⁵ pela SMIC, muito diferente do que acontece com vendedores ambulantes que oferecem material proveniente da pirataria⁶, como os CDs e DVDs. Um dos pressupostos deste estudo é que com esta regularização de alguns tipos de comércios informais, como é o caso dos camelôs, a pressão para a retirada dos vendedores ambulantes de CDs e DVDs do Centro da cidade será maior, podendo mesmo chegar a sua completa extinção. Por outro lado, a Rua Voluntários da Pátria guarda a memória destas práticas de comércio informais, configurando-se a partir das sociabilidades e ambiências derivadas destas formas de comércio.

³ Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS-UFRGS), que é coordenado por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert.

⁴ De qualquer forma as fotos não serão apresentadas por motivos éticos.

⁵ Comerciantes que vendam produtos com notas fiscais, que paguem pelo aluguel de box e que tenham um perfil de acordo com os critérios imposto pela SMIC.

⁶ A pirataria é entendida como a atividade de copiar, reproduzir ou utilizar indevidamente, sem a expressa autorização dos titulares, uma obra intelectual ou uma marca legalmente proibida.

Etnografia e fotografia

A observação desses processos se fundamenta na proposta de Etnografia de Rua⁷, das antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha em que a pesquisa de campo é realizada na cidade, através de caminhadas atentas, da permanência insistente no espaço da rua e da partilha de um tempo vivido com seus habitantes para, no caso deste estudo, desvendar os saberes e fazeres (DE CERTAU, 1994) dos sujeitos que vivenciam esse conflito cotidiano do trabalho informal. Dessa maneira, objetiva-se a investigação da poética das formas da vida social (SIMMEL, 1979) que constituem a vida urbana. Ao aderirmos a uma etnografia de rua percebemos que conhecer a vida cidadina é apropriar-se desse conhecimento cotidiano de seus habitantes que criam e recriam maneiras de durar (BACHELARD, 1988) no tempo a partir das práticas de uso do espaço público. Ao mesmo tempo, esta técnica situa o saber do pesquisador na sua negociação do saber sobre o ser do Outro, uma vez que o esforço de familiarizar o exótico (VELHO, 1978) realizado pelo pesquisador está baseado tanto em suas pré-noções, procedente das leituras realizadas, como em sua própria experiência urbana, postas em conflito na interação com o grupo pesquisado, de modo que o encontro etnográfico se sustenta nesta diferença.

No caso da pesquisa com ambulantes, as imagens suscitam questões sobre a informalidade desses vendedores que não são legalizados pela Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio (SMIC). Esses “pirateiros” - como eles mesmo se identificam - vendem produtos sem notas fiscais, como CDs, DVDs, tênis, óculos, relógios, perfumes, celulares, etc, e se espalham pela calçada da Rua Voluntários da Pátria com mostruário feito de plástico preto com capas de papel de CDs e DVDs para chamar a atenção de quem possa interessar.

Como comenta Milton Guran, o ato de fotografar resulta da interação entre o fotógrafo e o conteúdo da cena abordada, neste caso a imagem resultante estetiza o fenômeno social através de suas formas de expressão, como o posicionamento do vendedor ao exhibir seus produtos, suas vestes e postura, a proximidade com outro colega de trabalho, o “ponto”⁸ da calçada em que está,

⁷ Eckert, Cornelia e Rocha, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. 25 f. (Iluminuras; n.44)

⁸ Este ponto é reconhecido pelos ambulantes como o local, que está acordado com outros vendedores de rua, onde ele pode ficar.

dão pistas para o etnógrafo compreender o trabalho ambulante. No âmbito da Antropologia Visual esse suporte já foi bastante estudado em trabalhos clássicos como, por exemplo, Margaret Mead, Gregory Bateson, Bronislaw Malinowski, por isso me inspiro também nesses autores para fazer um recorte dessa pesquisa em relação à fotografia e apresento um exercício etnográfico estudado nas Oficinas teórico metodológicas sobre narrativa fotográfica⁹, dentro do Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Primeira saída de campo com a câmera fotográfica na mão

Durante o decorrer desta pesquisa, observei as mudanças nas formas como os ambulantes ocupavam o espaço da Rua Voluntários da Pátria em suas táticas de venda. Se atualmente exibem no chão um plástico preto em formato de quadrado que contem somente as capas de CDs e DVDs, e para o cliente levar o produto tem que aguardar o vendedor pegar em outro lugar o CD ou DVD, há um ano atrás esta estética era diferente. Os CDs e DVDs ficavam com capas em sacos plásticos transparentes presos com elásticos em telas de ferro quadriculada, e como duas telas eram amarradas uma com a outra, quando apoiadas no chão formavam um triângulo, então, os vendedores ficavam nas calçadas em frente ao produtos fazendo propaganda com seus vozeirões para quem passasse.

Entretanto, essa estética do comércio informal no centro de Porto Alegre não era “bem vista” por todos os seus habitantes. Em muitas notícias de jornal, por exemplo, foi possível observar que as práticas destes vendedores ambulantes eram designadas como principais responsáveis pelo “caos urbano”. Além disso, é claro, está o fato de se tratar de uma atividade de comércio proibida, em alguns casos, constantemente inibida pelos órgãos do Estado. Em meio a esses diferentes interesses no que tange aos usos do espaço público soma-se em Setembro de 2007 o início da construção do Centro Popular de Compras, que legalizaria alguns tipos de comércio informal. Esse projeto se agrega ao plano de revitalização do Centro da capital gaúcha e pretende alojar camelôs que serão chamados de comerciantes populares e depois da sua entrega não poderá mais haver camelôs nas ruas, menos ainda vendedores ambulantes.

⁹ Grupo que pretende discutir a produção de imagens fotográficas em campo. Além deste grupo de trabalho, dentro do BIEV, temos o Grupo de trabalho sobre a escrita etnográfica, do Grupo de pesquisa em etnografia sonora, Grupo de pesquisa em vídeo etnográfico, que objetiva pensar a pesquisa etnográfica a partir, também, dos recursos audiovisuais.

Nesse ínterim, a gota d'água foi a polêmica nacional do filme brasileiro “Tropa de Elite”¹⁰ em Outubro de 2007, que estava nas mãos do comerciantes informais e na internet antes mesmo de ser exibido nos cinemas, intensificou as ações contra os ambulantes. Deste modo a SMIC passou a investigar locais considerados laboratórios de pirataria contendo CDs e DVDs virgens, tênis falsificados e CPU com gravadores de CDs com a finalidade de extinguir esse tipo de comércio. Para reprimir as ações dos ambulantes nas ruas do Centro de Porto Alegre, a SMIC fortaleceu a fiscalização com apoio da Polícia Militar. No desenrolar destas situações de tensão, os trabalhadores de rua se manifestaram na mesma rua em que trabalham, a Rua Voluntários da Pátria, afirmando em alto e bom som que “Polícia é para ladrão, e não para camelô”, e para serem ouvidos no seu protesto pediram que os lojistas baixassem suas portas, apelo ao qual estes atenderam descontentes. Este conflito se estendeu por mais algumas semanas, e o jornal Diário Gaúcho¹¹ acompanhou os fatos com registro fotográfico e matérias sobre a tensão. Todos estes acontecimentos trouxeram reflexões importantes para o andamento da pesquisa, seja em termos dos significados desta prática de comércio no interior da cidade, seja nas representações em torno dela por parte da mídia, por exemplo. Neste caso, todo o material jornalístico – como fotografias e reportagens – acabam compondo o acervo de dados etnográficos desta pesquisa.

Nesse contexto a investigação etnográfica tomava um outro rumo: depois de levar cadernos de anotações e gravador para captar os sons na Rua Voluntários da Pátria com a proposta de etnografia sonora¹², o registro fotográfico torna-se preeminente, na medida em que a ambiência da rua se transforma, tomada por um silêncio que a imagem fotográfica poderia registrar através do olhar antropológico. Depois das tensões com a SMIC, os trabalhadores ambulantes adotaram a tática (DE CERTAU, 1994) de se afastarem da rua, ao menos por uns tempos, e as calçadas, antes ocupadas, estavam vazias. Assim, a Rua Voluntários da Pátria, que apresentava múltiplas cenas urbanas que se passavam entre pedestres, clientes e ambulantes ocupando as calçadas, dessa vez era composta por uma nova configuração espacial.

¹⁰ Tropa de Elite, dirigido por José Padilha, que tem como tema o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Rio de Janeiro, além de acusar usuários de substâncias ilícitas de financiar o tráfico de drogas e a violência.

¹¹ Este é um jornal pertencente ao grupo da Zero Hora, o Grupo RBS, editado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, é direcionado para as classes B, C, D da Grande Porto Alegre

¹² ROCHA, A. L. C.; VEDANA, V. A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora. In: VII Reunião de Antropologia Mercosul, 2007, Porto Alegre. VII RAM Desafios Antropológicos. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Vedana, Viviane. Sonoridades da Duração: práticas

Dessa forma, a minha hipótese era de que a fotografia evidenciaria a “falta” dessa prática de comércio em relação à paisagem da Rua Voluntários da Pátria. O silêncio, que representaria a ausência das propagandas dos vendedores de rua, do diálogo entre freguês e comerciante, das conversas dos atores sociais que participavam do mesmo espaço, expressava um outro ritmo daquele lugar que poderia ser registrado pelo instante da fotografia.

Duas semanas depois, fui a campo com alguma insegurança, já que o ambiente da rua ainda era tenso. Ao levar a máquina fotográfica, optei por fazer imagens que tatessem essa nova paisagem, como o registro da ocupação das calçadas, o início da construção do Centro Popular de Compras, pedestres que poderiam ser clientes em potencial, pois essa mudança de ritmo naquele lugar não era tão evidente a um olhar desatento. No ato de caminhar na Rua Voluntários da Pátria eu procurava observar nesse espaço de enunciação (DE CERTAU, 1994) pistas de vendedores de rua, e no mesmo “ponto” que antes era ocupado por vendedores ambulantes exibindo óculos, CDs, DVDs, perfumes, relógios, havia somente um vendedor de cachorro quente com seu carrinho. Percebendo esta descontinuidade no ritmo daquela rua, decido fotografar o vendedor de costas atendendo um cliente há mais de três metros de distância de mim, não só este senhor ali me importava por ocupar um lugar que não alojava aquela prática antes, mas também como configurando uma nova estética para aquele lugar.

Então, me posiciono para o registro fotográfico e ao bater o flash da câmera digital, um rapaz que passa diz alto “Olha a foto! Amanhã vai estar no Diário Gaúcho.”, sem entender a intervenção tento iniciar uma conversa com este, mas ele se afasta. Fico constrangida e guardo a máquina fotográfica na bolsa, pois entendo que era um momento delicado naquela rua, e os jornais haviam “falado mal” dos trabalhadores de rua e eles temiam por mais burburinho. O reflexo da pesquisadora com a situação desta foto se refere, como lembra Eckert e Rocha (2001), ao fato de que na etnografia de rua não só o pesquisador observa, mas também é observado, e é na negociação de olhares, movimentos, códigos que se ruma o encontro etnográfico para um outro caminho.

Após guardar a máquina, explico que havia uma relação de proximidade com alguns ambulantes, mas esse rapaz que se agrega a mais dois homens – cuja função ou trabalho ali desconheço, podem ser qualquer um dos múltiplos trabalhadores informais que habitam a rua,

cotidianas de mercado no mundo urbano contemporâneo. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul – Desafios Antropológicos, 2007, Porto Alegre.

como vendedores de vale transporte, de qualquer forma percebo que são conhecedores do lugar – responde em tom de deboche que os ambulantes não estão mais lá, e não me dirigem mais a palavra.

Ao revelar a foto, vejo do lado do carrinho de cachorro quente um cesto de lixo e uma vassoura, e potes guardando condimentos, toda a “banca” está na sombra, numa esquina na calçada. O senhor pardo, magro de boné era o vendedor, e atende a moça, atrás desse foco de imagem vemos pedestres caminhando na outra calçada que antes era ocupada por ambulantes. E no canto direito da foto aparece a metade do rapaz, que reclamou sobre o registro, olhando em direção à câmera. Ou seja, ao interpretar esta imagem da paisagem urbana na fotografia posso inferir a forma de circular nas ruas, conjunta a certa maneira do desenrolar dessas informações.

O contexto daquele registro representa que as negociações entre a pesquisadora e os conhecedores daquela rua não eram vistas como “troca”, e sim como “roubo de imagem”, e entendendo que alguns espaços podiam ser fotografados ao invés de outros. Mesmo que esta disposição do espaço, formada por aqueles personagens urbanos, fosse interpretada por mim como indicadoras do “vazio” de sociabilidades dos vendedores de CDs, DVDs, relógios, perfumes, tênis que não estavam mais ali, o registro fotográfico mostrara-se impossível naquele momento. A estratégia para não cessar os registros fotográficos foi ir ao Hipo Fábricas, um shopping de fábricas de quase dez andares localizado na Rua Voluntários da Pátria, para sair das ruas e tirar fotos panorâmicas das calçadas e ruas. Ali, as negociações com o dono do restaurante para tirar foto na cobertura do prédio foram acordadas no primeiro pedido. A primeira foto revelava a rua, a construção do CPC, e mais ao fundo o Rio Guaíba; as fotos seguintes focavam as disposições dos pedestres nas esquinas da Rua Voluntários da Pátria. De cima os pedestres pareciam formigas caminhando mais pelas calçadas do que pela rua em que passa ônibus e carros descontinuamente. Em outra foto do mesmo ângulo, é possível ver um grupo de guardas fiscalizando a movimentação nesta rua, dois vendedores com carrinho oferecendo bebidas e comidas.

No seu conjunto, as imagens desta saída de campo se referem aos cantos e cenas cotidianas da Rua Voluntários da Pátria, que já era explorada pelo “olhar etnográfico” (CARDOSO, 1998), e através da etnografia sonora. Antes do constrangimento descrito no ponto mais tenso da rua, foram feitas fotos “terrestres” da obra do Centro Popular de Compras que estava cercada por tapumes, entretanto, através de um buraco circular era possível registrar

homens trabalhando para erguer as primeiras vigas. Já as fotos dos pedestres nas calçadas eram feitas rapidamente e com o objetivo de perceber como se portavam essas pessoas que por ali caminhavam. Em relação às fotos panorâmicas, podia-se observar os novos usos que eram dados para aqueles espaços, que antes eram ocupados por vendedores de CDs e DVDs, ou seja, o tapume que cercava o CPC já cobria uma parte em que antes estavam os comerciantes informais, e na calçada em que os pedestres andavam a seu bel-prazer antes era ocupada por mais de vinte telas exibindo CDs, e DVDs, o que possibilitava sociabilidades entre esses atores com outros que também habitam esta rua.

Segunda saída de campo e o encontro com outros atores sociais

Depois dessa primeira experiência etnográfica, as análises das fotos foram essenciais para pensar nesta rua do espaço público em movimento, em mudança, em modificação, de modo que “o olhar etnográfico se deposita, então, na cidade como parte constitutiva da identidade narrativa dos seus habitantes e dos itinerários de seus movimentos e deslocamentos nas aglomerações urbanas.” (ECKERT; ROCHA,2004).

Agora sabia que para fotografar alguns “pontos” da Voluntários da Pátria teria que haver um acordo com algum ator social daquele espaço a cada saída de campo, pois essas transformações urbanas que envolvem conjuntos de interesses re-arranjam as práticas cotidianas possibilitando uma sobreposição de contextos em relação aos trabalhadores informais, e isso se reflete no trabalho de campo. Ou seja, uma nova saída de campo criava uma perspectiva incerta de como seria para tirar novas fotos. Quais relações estariam mantidas e quais estavam rompidas? De modo que para o antropólogo estar em campo também é se aventurar entre os meandros dos imponderáveis da vida social.

As fotos que revelavam certo “vazio” de sociabilidades do grupo pesquisado sugeriram que talvez fosse o “fim” do estilo de vida dos ambulantes. Mas, como soube depois, eles usaram a estratégia de “deixar a poeira baixar, para depois voltar”. Após as férias escolares, em Abril de 2008, alguns poucos vendedores voltaram a ocupar a Rua Voluntários da Pátria, enquanto outros resolveram não voltaram mais: um foi trabalhar numa boate num bairro periférico, outro voltou para sua cidade natal, e teve aqueles foram para outra prática do comércio informal.

Entre aquela saída e uma nova ida a campo havia algumas perguntas procedentes das imagens reveladas pelas fotografias feitas, ao mesmo tempo em que relia os diários de campo pensava na complexidade das estratégias dos vendedores ambulantes de CDs e DVDs para trabalhar na rua, em meio a esses espaços labirínticos e sujeitos a constantes mudanças por diferentes atores sociais. Entretanto precisava voltar a campo para entender o que havia acontecido com aquela configuração dos ambulantes nas calçadas da Rua Voluntários da Pátria, e levar a câmera fotográfica na mão significava o registrar se esses ambulantes estariam por ali, e como estariam, e quais suas novas estratégias para vender “sem dar bandeira”. De qualquer maneira havia incertezas se reencontraria ambulantes por ali, e ainda mais os informantes principais com suas histórias, que já eram preocupação dessa pesquisa em narrar.

Havia grande expectativa quanto à presença dos ambulantes ou não na rua, pois ainda gostaria de aprofundar algumas questões sobre as condições de trabalho no espaço público, conhecer as trajetórias desses trabalhadores ambulantes, e ao dar continuidade à pesquisa se acumulavam mais dados etnográficos para compreender o ritmo (BACHELARD, 1988) efêmero do grupo estudado. Isto tendo em vista, também, que no processo de formação em Ciências Sociais se dedicar ao único tema possibilita compreender já na graduação a complexidade de pesquisar através da Antropologia um grupo na cidade através de suportes audiovisuais, como acontece dentro do Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Em Abril de 2008 volto a campo e “entro” pela Rua Voluntários da Pátria. Através de deslocamentos ao longo da rua foi possível perceber que a pressão da SMIC estava mais desfalcada, menos contínua, menos dura. Atentando o olhar mais “ao fundo” da rua vejo alguns homens entre 18 e 25 anos anunciando CDs e DVDs, os ambulantes resistiam novamente em seus espaços de trabalho, em seus “pontos” de venda. Percorro toda a rua e as propagandas aumentam seu volume, mais passos e escuto com clareza o “CD, DVD, CD, DVD”, sonoridades e anúncios com os quais havia me acostumado ao longo do trabalho de campo.

Então nesta saída a campo houve reencontro com o informante principal¹³ dessa pesquisa, conversamos um pouco, e ele contou que aproveitou as “férias” para visitar a família que mora no interior, mas havia voltado para o trabalho na rua. Diante da conversa mais íntima, peço para

¹³ Adotarei essa maneira mais impessoal ao falar no informante principal e seus colegas de trabalhos para preservar a identidade do grupo pesquisado, e de qualquer forma os dados etnográficos acumulados são essencialmente para fins de pesquisa.

tirar fotos pensando em imagens dele exibindo seus produtos, atendendo seus clientes, modo de ocupar a rua, conversa com outros vendedores, mas ele me pede um retrato. Afasto-me para enquadrar a foto de corpo inteiro, então o informante principal chama seu irmão e mais dois colegas de trabalho para sair na foto, os abraça numa certa pose e bato a foto de corpo inteiro deles com o mostruário de seus produtos que está exibido no chão.

Depois de disparado o flash da foto, o informante apresenta seus colegas de trabalho, então aproveito para me aproximar deles. Um dos rapazes tem trinta e poucos anos mora na região metropolitana de Porto Alegre e trabalha na Rua Voluntários da Pátria há 10 anos com abrigos, tênis, também com CDs e DVDs, enquanto os outros da foto estão de tênis e calça jeans ele calça um sapato caramelo. Eles trabalham todos na mesma calçada, e as duas garotas que saíram na foto junto com os rapazes são irmãs, também tem seu mostruário de produtos, e são atentas quanto à kombi branca com os agentes da SMIC.

Ao analisar a foto que retrata esses personagens urbanos vemos como se representam no espaço público ao posar eretos e atentos para a foto, as suas vestimentas se misturam aos pedestres, pois o jeans, o moletom usado e o boné condizem com o trabalho na rua, no momento de escapar da SMIC basta largar os produtos em algum canto e se misturar aos passantes. Com o retrato também vemos quem fica mais perto de quem, o que revela a rede de solidariedade entre eles, um dos ambulantes se aproxima mais das duas garotas na foto, o que infere algumas ações cotidianas, pois como o “ponto” dele é coberto quando chove se aperta para acolher suas colegas. Já o outro rapaz mais afastado, guarda os seus produtos com o mesmo ambulante que o informante principal.

Em um primeiro momento estranhei o pedido do retrato, mas tento entender a importância para os ambulantes dessas fotos através da antropóloga Mirian Moreira Leite (1993) que vê a experiência vivida fixada no retrato como ligada ao mundo privado em relação a sua conservação e exibição, mas também ao mundo público em relação aos seus simbolismos. Como parte das negociações e trocas que vivemos em campo, e principalmente da restituição da imagem do outro, pensei em formas de levar estas fotografias para os informantes desta pesquisa. Primeiramente foi entregue um CD contendo as fotos tiradas para um dos ambulantes, mas esse foi abordado pela SMIC que tomou os CDs e DVDs oferecidos pelo garoto e carregou junto o presente dado. Então imprimi em preto e branco algumas fotos de retrato e outras do espaço

público, e quando o informante principal teve em suas mãos os retratos tirados, logo levou para mostrar aos seus familiares.

Essa relação das fotografias com os ambulantes é algo comum, muitos têm fotos de si trabalhando na Rua Voluntários da Pátria e em outros “pontos” da cidade. A mãe de um ambulante, que é camelô carrega fotos na bolsa da sua rede de solidariedade, ou seja, de outros ambulantes, camelôs, lojistas, etc. Ao me apresentar as fotos conta sobre uma outra época do trabalho de rua, ao mesmo tempo em que cultiva lembranças de pessoas queridas que fazem pose para a câmera fotográfica, mostra as exposições dos produtos, entre outros. Além disso, a pesquisa também se preocupa em compreender na imagem desse suporte as representações das maneiras de vestir, a postura para a foto ou para vender, o ambiente em que estão, como se apresentam para seus clientes, entre outros.

Conclusão

Dessa maneira, podemos perceber que “as fotografias apresentam o cenário onde as atividades diárias, os atores sociais e o contexto sócio cultural são articulados e vividos” (BITTENCOURT, 1998). Ou seja, essa imagem fotográfica é interpretada pela pesquisadora de acordo com o que se conhece sobre o campo, do modo em que no trajeto de pesquisa se acumulam imagens fotográficas, sonoras e textuais que fazem sobre o contexto desse fenômeno social nas ruas.

A pertinência desse suporte em campo se dá na medida em que permite a prática etnográfica compartilhar sentidos com o grupo pesquisado a fim de representar de outras maneiras os estilos de vida e as condições de trabalho do grupo pesquisado, por meio da visualização captada. De modo que as imagens fotográficas também são interpretadas para se alcançar o entendimento através dos significados que estão expostos nas pistas deixadas pelos atores sociais que ocupam a Rua Voluntários da Pátria, e que a câmera registrou. Esse instante captado é visto, revisto, interpretado, e utilizado como troca entre pesquisador e informante.

O registro fotográfico dos vendedores de produtos ilegais, como CDs e DVDs, tem que se adequar aos constrangimentos do espaço público, mas não deixar de atingir seu objetivo. No caso, as condições de trabalho e o estilo de vida dos ambulantes estão em constante evidência nas imagens “captadas”, por isso podemos reler como conceitos que convergem para entender o “perfil” dos vendedores em relação a: práticas, estratégias e gostos. É pertinente trabalhar com a

câmera fotográfica no espaço público para apreender gestos, configurar ambiências, problematizar maneiras de fotografar e transformar a relação pesquisador-informante em outra coisa que não aquela de antes, além de registrar as táticas dos vendedores na rua para recriar cotidianamente sua forma como “grupo” naquele espaço.

Bibliografia:

- BITTENCOURT, L. A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. *Desafio da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sócias/* Bela Feldman-Bianco, Miriam L. Moreira Leite (Org.). Campinas, SP: Papyrus, 1998
- BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- BRANDÃO, C. R. *Fotografar, documentar, dizer com a imagem*. Cadernos de Antropologia e Imagem, v. 18, p. 27-54, 2004.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever*. In: OLIVEIRA, R. C. *O trabalho antropológico*. São Paulo: Unesp, 1998.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano:1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *A vocação do etnógrafo na cidade*. RBSE. Revista brasileira de sociologia da emoção, João Pessoa, v. 3, n. 9, p. 329-351, 2004.
- _____. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. 25 f. (Iluminuras; n.44)
- GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002
- GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil*. in MESQUITA, Z. e BRANDÃO, C. R. *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, UFRGS/UNISC,1995
- ROCHA, A. L. C.; VEDANA, V. *A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora*. In: VII Reunião de Antropologia Mercosul, 2007, Porto Alegre. VII RAM Desafios Antropológicos. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Vedana, Viviane. *Sonoridades da Duração: práticas cotidianas de mercado no mundo urbano contemporâneo*. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul – Desafios Antropológicos, 2007, Porto Alegre.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, O. G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- VELHO, G. *Observando o familiar*. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.